

Estação etnográfica Bahia



UNICAMP

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

Reitor

ANTONIO JOSÉ DE ALMEIDA MEIRELLES

Coordenadora Geral da Universidade

MARIA LUIZA MORETTI



Conselho Editorial

Presidente

EDWIGES MARIA MORATO

ALEXANDRE DA SILVA SIMÕES – CARLOS RAUL ETULAIN

CICERO ROMÃO RESENDE DE ARAUJO – DIRCE DJANIRA PACHECO E ZAN

IARA BELELI – IARA LIS SCHIAVINATTO – MARCO AURÉLIO CREMASCO

PEDRO CUNHA DE HOLANDA – SÁVIO MACHADO CAVALCANTE

Livio Sansone

Estação etnográfica Bahia
A CONSTRUÇÃO TRANSNACIONAL
DOS ESTUDOS AFRO-BRASILEIROS
(1935-1967)

Tradução
Julio Simões

EDITORIA
UNICAMP

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELO
SISTEMA DE BIBLIOTECAS DA UNICAMP
DIVISÃO DE TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO
Bibliotecária: Maria Lúcia Nery Dutra de Castro – CRB-8ª / 1724

Sa58c Sansone, Livio
Estação etnográfica Bahia : a construção transnacional dos Estudos Afro-brasileiros (1935-1967) / Livio Sansone; tradução : Julio Simões. – Campinas, SP : Editora da Unicamp, 2022.

Título original: *Field Station Bahia: the transnational making of afro-Brazilian studies: 1935-1967*.

1. Negros – Brasil. 2. Relações raciais. 3. Candomblé – Bahia. 4. Ciências sociais – Bahia. 5. Antropologia – Brasil. 6. Antropologia – Estados Unidos. I. Título.

CDD – 305.896081
– 301.451042
– 299.6098142
– 300.98142
– 301.981
– 301.973

ISBN 978-85-268-1590-2

Copyright © by Livio Sansone
Copyright © 2022 by Editora da Unicamp

Opiniões, hipóteses e conclusões ou recomendações expressas neste livro são de responsabilidade do autor e não necessariamente refletem a visão da Editora da Unicamp.

Direitos reservados e protegidos pela lei 9.610 de 19.2.1998.
É proibida a reprodução total ou parcial sem autorização, por escrito, dos detentores dos direitos.

Foi feito o depósito legal.

Direitos reservados a
Editora da Unicamp
Rua Sérgio Buarque de Holanda, 421 – 3ª andar
Campus Unicamp
CEP 13083-859 – Campinas – SP – Brasil
Tél./Fax: (19) 3521-7718 / 7728
www.editoraunicamp.com.br – vendas@editora.unicamp.br

Para meus filhos, Pedro e Giulio,
e minha companheira, Sueli.

Agradecimentos

Se todos os livros acadêmicos são, até certo ponto, uma obra coletiva, este é especialmente o caso. Este livro nunca poderia ter sido escrito sem a cooperação, o conselho e o apoio de muitos colegas. No longo processo de elaboração deste livro, muitos deles se tornaram meus amigos. Eu devo imensamente a Kevin Yelvington, David Hellwig, Sally Cole, Anthony Platt e Pol Briand. Um agradecimento especial vai para David Easterbrook, da Melville J. Herskovits Library of African Studies da Northwestern University;* Joellen Elbashir, do Moorland-Spangarn Research Center, Howard University; Amy Staples, curadora dos arquivos do National Museum of African Art; Portia James, Jennifer Morris e Alcione Amos, do Anacostia Community Museum; Dr. Leopold e Jake Homiak, curadores do National Anthropological Archive do Smithsonian Institute; Jens Boel e Alexandre Coutelle, dos Arquivos da Unesco em Paris; Ute Fendler, da Universidade de Bayreuth; Stephan Palmié, da Universidade de Chicago; Cesar Braga-Pinto, da Northwestern; e as falecidas Jean Herskovits e Margaret Wade-Lewis. Agradeço também a Scot French, do Instituto Carter Woodson da Universidade da Virgínia, por sua assistência em história digital e arquivos, e aos esplêndidos arquivistas da Melville J. Herskovits Africana Library da Northwestern University, Schomburg Center, Rockefeller Archive Center e a Rare Book and Manuscript Library da Columbia University.

Outro agradecimento especial vai para Mike Hanchard, Stefania Capone, Chris Dunn, Stephen Small, John Collins, Paul Gilroy, Vron Ware, Dmitri van der Berselaar e Peter Geschiere. No Brasil, sou incrivelmente grato a Jeferson Bacelar, Maria Rosario de Carvalho, Omar Thomaz, Luis Gustavo Rossi, Aldrin Castellucci, Elisa Morinaka, Felipe Fernandes, o falecido Car-

* Os nomes de instituições, congressos, programas de bolsa e políticas norte-americanas foram deixados no original, em inglês, para facilitar a pesquisa. (N. da T.)

los Hasenbalg, Peter Fry, Lorenzo Macagno e Marcos Chor Maio, pelas boas conversas e sugestões. A meus ex-alunos e agora colegas, Ivo Santana e Washington Jesus, agradeço pela ajuda para entender meu lugar em Salvador. Dona Railda, minha sogra, e Tia Edinha foram muito gentis em me contar sobre a casa do Gantois e nossa vizinhança. No próprio Gantois, devo muito a Márcia Maria dos Santos (Mãe do Gantois). Julio Campos Simões, que tive o prazer de orientar em sua maravilhosa dissertação de mestrado, merece uma menção especial: um verdadeiro e espirituoso aprendiz de feiticeiro, ele está prestes a superar seu orientador. Os revisores anônimos da série Cluster-Brill também merecem minha gratidão por suas sugestões.

Por financiar minha pesquisa, sou grato a CNPq, Capes-Print, RAC Fellowship e Cluster Africa Multiple da Universidade de Bayreuth, Alemanha. Por último, mas não menos importante, aos meus filhos Giulio e Pedro e à minha companheira de vida Sueli Borges, devo um pedido de desculpas por ter estado tantas vezes longe de casa e os meus agradecimentos pela paciência comigo.

INFORME AO LEITOR

As notas de rodapé trazem as referências para as citações e estão numeradas com algarismos arábicos; as notas de final de capítulo trazem informações explicativas e estão numeradas com algarismos romanos; as notas da tradução estão no rodapé, com asteriscos.

Sumário

Índice de siglas	11
Prefácio – Roma Africana, Bahia-Mundo.....	15
Introdução – Construindo diferentes agendas de pesquisa.....	19
Capítulo 1 – Trajetórias: a jornada de Franklin, Lorenzo, Mel e Frances no Brasil	31
E. Franklin Frazier	39
Lorenzo Dow Turner	63
Melville & Frances Herskovits	76
Capítulo 2 – Comparando estilos.....	127
Redes, fotos e notas de campo	130
Publicações	168
Perspectivas sobre as desigualdades raciais.....	197
Observadores sendo observados	205
Capítulo 3 – Bahia, um lugar para sonhar (1942-1967).....	219
“O baiano profissional”: Herskovits e a internacionalização dos pesquisadores brasileiros	221
Projeto Columbia/estado da Bahia/Unesco como início de uma nova etapa	233
Os programas de intercâmbio de graduandos, pós-graduandos e docentes de Columbia	240
O retorno de Frances	249
Considerações finais – Facilitadores ou <i>gatekeepers</i> ?.....	269
Posfácio – O dilema da repatriação (digital).....	285
Bibliografia.....	295

Anexos.....	309
Anexo I – Lista de despesas dos Herskovits no Brasil, 1941-1942	309
Anexo II – Festas de candomblé registradas na polícia em Salvador, 1939-1941	314
Anexo III – Entrevista com Jean Herskovits em sua casa em Manhattan, NY, 16/10/2003	315

*Índice de siglas**

AAA	American Anthropological Association
ABA	Associação Brasileira de Antropologia
ABL	Academia Brasileira de Letras
ACLS	American Council of Learned Societies
AEL	Arquivo Edgard Leuenroth (Unicamp)
AI-5	Ato Institucional Número 5 (1968)
Anpocs	Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais
APS	American Philosophical Society
ASA	American Sociological Association
ATM	Archives of Traditional Music (Indiana University)
BA	Bachelor of Arts
Capes	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CCNY	Carnegie Corporation of New York
CD	Compact Disc
Cea	Centro de Estudos Afro-Asiáticos (Ucam)
Ceao	Centro de Estudos Afro-Orientais (UFBA)
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
Cuny	City University of New York
CV	Curriculum Vitae
DC	District of Columbia
DVD	Digital Video Disc

* Os acrônimos das siglas norte-americanas foram deixados no original, em inglês, para facilitar a pesquisa. (N. da T.)

ÍNDICE DE SIGLAS

ElsP	Escola Livre de Sociologia e Política
EU	Estados Unidos
FDCB	Fundação para o Desenvolvimento da Ciência na Bahia
FF	Ford Foundation
FFCH	Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas (UFBA)
FFLCH	Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (USP)
FSH	Frances Shapiro Herskovits
Fundaj	Fundação Joaquim Nabuco
GF	Guggenheim Foundation
GI Act	Servicemen's Readjustment Act of 1944
GNP	Good Neighbor Policy
HLAS	Herskovits Library of African Studies (Northwestern University)
IEB	Instituto de Estudos Brasileiros (USP)
Ifan	Institut Fondamental d'Afrique Noire (Université Cheikh Anta Diop)
IHGB	Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro
IIE	Institute of International Education
IL	Illinois
JH	Jean Herskovits
LA	Latin America
LOC	Library of Congress
LS	Livio Sansone
MA	Massachusetts
MAE	Museu de Arqueologia e Etnologia (UFBA)
MJH	Melville J. Herskovits
MN	Museu Nacional
MS	Moorland-Spangarn Research Center (Howard University)
NAA	National Anthropological Archives
NAACP	National Association for the Advancement of Colored People
NU	Northwestern University
NY	New York
Ociaa	Office of the Coordinator of Inter-American Affairs
PDF	Portable Document Format
Posafro	Programa de Pós-Graduação em Estudos Étnicos e Africanos (UFBA)

RAC	Rockefeller Archive Center
RBA	Reunião Brasileira de Antropologia
RBML	Rare Book and Manuscript Library (Columbia University)
RF	Rockefeller Foundation
SG	Subgroup
SP	São Paulo
Sphan	Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
SS	Steamship
SSRC	Social Science Research Council
TV	Televisão
UC	University of California
Ucam	Universidade Candido Mendes
UCLA	University of California, Los Angeles
UFBA	Universidade Federal da Bahia
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
Unesco	United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization
Unicamp	Universidade Estadual de Campinas
US	United States
US\$	United States Dollar
USA	United States of America
Usis	United States Information Service
USP	Universidade de Sao Paulo
UvA	Universiteit van Amsterdam
WKBK	WKBK Radio Channel

PREFÁCIO

Roma Africana, Bahia-Mundo

Gustavo Rossi¹

Foi em grande parte por causa desses negros que a Cidade da Bahia ganhou a fama de líder entre as cidades pitorescas do Brasil, centro obrigatório de todos os estudos sobre o problema do negro brasileiro, tornando-a “a Roma Africana” de que sempre me fala a mãe de santo nagô Eugênia Ana Santos (Aninha), do Centro Cruz do Achê de Opô Afonjá.

(Edison Carneiro, *Negros Bantus*, 1937)

No imaginário das relações raciais no Brasil, poucos lugares exerceram – e continuam a exercer – tamanho interesse e magnetismo como a Bahia e, em especial, a sua capital, Salvador, cuja história é indissociável de sua constituição como um dos centros pulsantes e irradiadores das políticas e das culturas afro-diaspóricas. Razão pela qual, não por acaso, ao longo do século XX, Salvador seria sistematicamente visitada por sucessivas levadas de intelectuais e cientistas sociais, nacionais e estrangeiros, atraídos não só pela vitalidade de suas manifestações religiosas de origem africana, mas também pela promessa já tantas vezes afirmada e esgarçada de que a Bahia e, por extensão, o Brasil seriam capazes de oferecer alguma lição ao mundo como um modelo de harmonia e integração raciais.

Resultado de um acúmulo de décadas de trabalho paciente e minucioso, *Estação etnográfica Bahia* nos convida a revisitar e, sobretudo, a repensar as geopolíticas do conhecimento em meio às quais, a partir da década de 1930, a “Roma Africana” de Mãe Aninha foi se convertendo nesse centro tão “obrigatório” quanto disputado para a elaboração de algumas das teorias mais influentes que marcaram o desenvolvimento do campo dos estudos sobre as

¹ Professor do Departamento de Antropologia da Unicamp, autor de *O intelectual feiticeiro: Edison Carneiro e o campo de estudos das relações raciais no Brasil* (Editora da Unicamp, 2015).

relações raciais e as culturas negras no Novo Mundo. Nele, Livio Sansone nos permite seguir as trilhas e as tramas que, na década de 1940, enredaram as experiências de campo, em Salvador, de quatro pesquisadores estado-uni-denses: o casal de antropólogos brancos Melville e Frances Herskovits, o sociólogo afro-americano E. Franklin Frazier e o linguista afro-americano Lorenzo Turner.

A partir de ângulos e escalas diversas, Sansone compara as diferentes agendas e estilos de pesquisa desses personagens, sem perder de vista, no entanto, as amarrações de conjunto, bem como a apreensão ampliada das múltiplas “sinergias” locais e globais que, naquele momento, fizeram da Bahia o terreno privilegiado para a “prova dos nove” de suas generalizações teóricas a respeito da experiência negra nas Américas. Cada qual a seu modo, e com diferentes ênfases – a língua (Turner), a estrutura social (Frazier) ou a cultura (os Herskovits) –, buscaram enfrentar uma pergunta comum e central ao debate racial naquele momento. Seriam as estruturas familiares e as formas de organização cultural negras nas Américas o resultado da escravidão e da adaptação às condições estruturais de pobreza ou o resultado de sobrevivências culturais e práticas tradicionais africanas no Novo Mundo? Uma pergunta que ganhou respostas bastante diversas, muito embora fruto de pesquisas desenvolvidas na maior parte do tempo nos mesmos bairros e, muitas vezes, surpreendentemente, entrevistando as mesmas pessoas da casa do Gantois e dos seus arredores.

Não cabe aqui avançar as respostas forjadas por Frazier, Turner e os Herskovits, as quais são examinadas, nuançadas, cotejadas e reviradas ao longo de toda a *Estação etnográfica Bahia*. Mais importante, parece-me, é destacar aquilo que Livio Sansone delas extrai e desdobra, ou seja: uma história “emaranhada” de biografias, afetos, amizades, inimizades, projetos individuais e coletivos, modelos teóricos, agendas intelectuais e políticas de luta antirracista, bem como de distintas experiências de raça, classe e gênero que afetaram desigualmente a carreira desses pesquisadores e as suas relações em campo. Todas essas dimensões são articuladas por Sansone de modo a revelar como, desde seu início, os Estudos Afro-brasileiros nasceram complexos e enredados aos fluxos transnacionais de ideias e estudiosos sobre raça.

Contudo, ao lançar novas luzes aos inúmeros impactos desses pesquisadores estrangeiros no desenvolvimento da antropologia baiana e brasileira – sobretudo, a de Melville Herskovits –, *Estação etnográfica Bahia* a eles não se restringe. Em outras palavras, a contrapelo das narrativas históricas a respeito do debate racial que tendem a enfatizar os fluxos de ideias tão somen-

te na direção dos seus “centros” para as “periferias”, dos Estados Unidos para o Brasil, Sansone explicita os contrafluxos desse debate – das “periferias” para o “centro” –, evidenciando, assim, as ressonâncias, embora assimétricas e desiguais, que as experiências desses quatro pesquisadores na Bahia teriam para o desenvolvimento do campo dos estudos afro-americanos e africanos nos Estados Unidos.

Contudo, se, de um lado, é necessário interpelar e mesmo subverter as assimetrias e as geopolíticas do poder que tenderam a reduzir a “estação etnográfica” Bahia, e o Brasil, a meros provedores de materiais empíricos para as generalizações teóricas do “Norte Global”, de outro, isso não significa dizer que essas assimetrias são passíveis de ser neutralizadas ou subvertidas por uma mera questão de sensibilidade analítica ou de perspectiva teórica. Como bem nota Sansone, tais assimetrias atravessam tanto as experiências do passado quanto as próprias possibilidades de escrita e descrição desse passado. Recompôr os fluxos e contrafluxos transnacionais que constituem os estudos raciais brasileiros significa lidar com as próprias condições desiguais de engajamento e produção de conhecimento com os inúmeros arquivos, registros e artefatos materiais, imagéticos e sonoros gerados ao longo das inúmeras “missões” acadêmicas norte-americanas, individuais e coletivas, as quais foram decisivas para a produção da “estação etnográfica Bahia”. Afinal, a quem pertencem os arquivos e os conhecimentos gerados nessa “estação”? Não são os arquivos pessoais dessa longa série de intelectuais e cientistas norte-americanos que visitaram a Bahia também um arquivo das muitas pessoas, grupos e comunidades negras que os constituíram? Que pessoas, grupos, instituições ou países possuem legitimidade sobre os direitos de acesso, circulação e uso desses arquivos?

Questões importantes e que estão sendo colocadas por diversas reflexões e ativismos antirracistas e anticoloniais, para as quais Livio Sansone não busca dar solução ou fechamento, mas sim problematizar e explicitar os condicionantes sócio-históricos que informam as políticas de produção e compartilhamento desiguais do conhecimento antropológico e etnográfico (assim como suas histórias). Nesse sentido, em seu esforço de dispor e analisar articuladamente esses inúmeros arquivos dispersos (tão baianos quanto norte-americanos, embora fundamentalmente controlados pelos últimos), Livio Sansone produz algo mais do que um livro, mas uma obra que já é, ela mesma, a expressão da criação de um novo arquivo, fruto da repatriação digital dos inúmeros acervos que produzem *Estação etnográfica Bahia: a construção transnacional dos Estudos Afro-brasileiros (1935-1967)*. Um novo

arquivo que também nos ajuda a dizer e revisitar as histórias da antropologia baiana e brasileira de outros e renovados modos; de maneiras que talvez antes não pudessem ser elaboradas (ao menos não da forma “entranhada” e partilhada como, agora, o Museu Afro-Digital e o trabalho de Sansone nos proporcionam). Um novo arquivo que não deixa de estar atrelado aos projetos e às perspectivas de análise do próprio Livio Sansone, que, ao interrogar as políticas de memória dos arquivos no presente, também nos provoca a reimaginar as histórias e os passados das Ciências Sociais e da Antropologia no Brasil e nos Estados Unidos (e vice-versa). Uma perspectiva de análise menos centrada no Estado-Nação, mais transnacional e, nesse sentido, mais armada para reinscrever os estudos raciais brasileiros numa certa cartografia do conhecimento mais ampla e nuançada do que usualmente se acostumou a pensar.

A palavra “estação” nos remete a muitos sentidos de tempos e espaços de paragens e estadas, de postos e períodos tanto de passagem quanto de observação. Um campo de significados que o livro de Livio Sansone nos instiga a navegar ao examinar as Áfricas possíveis ou mesmo impossíveis que a Bahia passou a encarnar no âmbito dos estudos das relações raciais nos Estados Unidos. A seu modo, *Estação etnográfica Bahia* é também estação de paragem, bem como um convite a outras paragens de reflexão sobre os incessantes jogos de espelhos e observações por meio das quais pesquisas e imaginários raciais brasileiros e norte-americanos foram se produzindo não como universos externos e autocontidos, mas sim internos e mutuamente constituidores um do outro. Na *Estação etnográfica Bahia*, enfim, compreendemos melhor períodos e personagens decisivos dessa longa história em meio à qual Brasil e Estados Unidos aprenderam a se comparar e (auto)representar no espelho da raça. Uma história cujas linhas continuam a ser escritas, só que agora reposicionadas pela análise apurada de Sansone.

INTRODUÇÃO

Construindo diferentes agendas de pesquisa

Entre 1935 e 1943, a cidade de Salvador, Bahia, recebeu diferentes graus de atenção de um grande número de pesquisadores e intelectuais estrangeiros, todos eles impressionados – se não seduzidos – pela “magia” dessa cidade, em grande parte pelo resultado de sua cultura popular negra: Donald Pierson (1900-1995), Robert Park (1864-1944),¹ Ruth Landes (1908-1991), Lorenzo Dow Turner (1890-1972), E. Franklin Frazier (1894-1962), Stefan Zweig (1881-1942),^{II} Frances (1897-1975) e Melville J. Herskovits (1895-1963). Frazier, Turner, Melville e Frances Herskovits realizaram trabalho de campo em Salvador, de 1940 a 1942.^{III} Frances foi muito mais do que uma assistente de seu marido, atuando como uma antropóloga de alto nível. Este livro é uma leitura da formação dos Estudos Afro-brasileiros e, em menor escala, dos Estudos Africanos e Afro-americanos através das trajetórias inter-relacionadas e transnacionais desses quatro pesquisadores. Se há originalidade neste trabalho, ela se situa na comparação da trajetória, do estilo e da agenda desses quatro pesquisadores diferentes e ainda de alguma forma convergentes e na tentativa de relacioná-los com o contexto intelectual brasileiro, que mostrou naqueles dias muito menos densidade e organização do que o seu equivalente americano. É, portanto, uma dupla comparação: entre quatro americanos e entre americanos e pesquisadores sediados no Brasil. O material aqui apresentado se baseia em pesquisas espalhadas por duas décadas (2000-2020) nos arquivos que hospedam os trabalhos desses quatro intelectuais notáveis, rivais e ainda bons colegas ou mesmo amigos.^{IV} Turner e Frazier foram amigos por toda a vida,¹ Frazier e Herskovits eram colegas e, no final da vida, amigos.^V Turner e Herskovits tinham uma relação profissional cordial e mutuamente benéfica, embora desigual.²

¹ Wade-Lewis, 2007, p. 129.

² *Idem*, p. 191.

Frazier e Turner trilharam o caminho já percorrido por Donald Pierson e Ruth Landes em 1935-1939. Herskovits e sua esposa Frances contavam com uma rede diferente e um pouco mais convencional, intermediada pelas elites políticas e intelectuais locais. Cada um deles teve um encontro especial com a Bahia. Tal experiência será relevante para o resto de suas carreiras, mesmo que nenhum deles realmente tenha voltado a esse campo como haviam planejado.^{VI} Franklin Frazier, o sociólogo negro mais famoso da época, que já havia publicado *The Negro Family in the United States* em 1939,³ estava entretido em uma discussão com o igualmente famoso antropólogo Melville Herskovits sobre as “origens” da chamada família negra e sobre o peso da herança africana nas culturas negras nas Américas em geral.^{VII} Para tornar as coisas ainda mais complexas, eles compartilharam de boa parte dos informantes: o povo de santo, membros dos mesmos terreiros de candomblé em Salvador – a maioria deles do prestigioso e “tradicional” terreiro do Gantois da nação ketu/iorubá. Entre os dois estava o linguista Lorenzo Dow Turner, que já tinha considerável experiência em pesquisa sobre as “sobrevivências africanas” em seus estudos sobre a língua gullah,⁴ falada pela população negra das Sea Islands, na costa da Carolina do Sul e da Geórgia (EUA). Turner era amigo de Frazier, mas suas teorias acadêmicas eram mais próximas das de Herskovits. Frazier trabalhava na Howard University, Turner na Fisk University, e Herskovits na Northwestern University. Frances já tinha coescrito livros com Melville e acumulara considerável experiência de trabalho de campo no Suriname, no Daomé (atual Benin) e no Haiti.

As visões opostas de Frazier e Herskovits chegaram a um grande público através da publicação na *American Sociological Review* de um artigo de Frazier seguido por uma réplica de Herskovits e uma tréplica de Frazier. O debate expôs as tensões entre um sociólogo e um antropólogo americano, ambos utilizando os serviços de intermediários brasileiros, que eram eles mesmos partes interessadas na disputa, já que estava em questão a construção dos Estudos Afro-brasileiros como um campo acadêmico. Ele revela aspectos interessantes sobre a forma como a antropologia se definiu como uma disciplina, diferente da sociologia, mostrando como, já naquela época, o estilo e a linguagem dos sociólogos e antropólogos (e linguistas) – mais secos ou sóbrios para os primeiros e enfaticamente românticos para os segundos – se relacionavam com abordagens radicalmente diferentes do mesmo fenômeno, neste caso, as “origens” e a causalidade das formas culturais negras no Novo

³ Frazier, [1939] 1966.

⁴ Turner, [1949] 2003.